

QUARENTENA CRÔNICA

Thiara Cruz de Oliveira (org.)



QUARENTENA CRÔNICA

Thiara Cruz de Oliveira (Org.)

Editora Pedregulho

0 tempo...

SUMÁRIO

O SOM ME CHAMA | Bárbara Maia Cerqueira Cazé

VOINHA | Jaiara Dias

VIVOS–MORTOS | Josélia Alves Oliari

NA MEDIDA DO POSSÍVEL | Lorena Araújo

QUINZE DIAS É COISA RÁPIDA | Marília Carreiro

AUTORRETRATO | Mariana Souza

UM LUGAR INTERIOR | Munah Malek Felicio

EU, DILÚVIO | Renata Beatriz Rodrigues da Costa

BORDAS DE UMA QUARENTENA | Sthefany Duhz

QUARENTENA CRÔNICA | Thiara Cruz

Por Bárbara Maia Cerqueira Cazé

Pedagoga pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2007), Mestra em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (2015) e doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Idealizadora e Coordenadora do Cineclube Afoxé. Organizou o livro “Mulheres Negras na tela do Cinema”, publicado em 2020, pela Editora Pedregulho. Contato: barbaracaze@gmail.com



Crédito da foto: Nicolas Soares

O SOM ME CHAMA

— Mamãe, quero ticau.

Assim começa o dia. Ticau é o modo como ele chama o leite com achocolatado. Achocolatado de uma marca específica, o mesmo que eu bebia quando criança e tinha uma propaganda afirmando que dava energia. Vinte e poucos anos depois, a propaganda parece atualizada on demand. Hoje sabemos que a porcentagem entre o cacau e o açúcar é desigual. Devem colocar alguma tintura para manter o tom. Só tem açúcar mesmo. Ainda assim, segue como sendo a marca mais cara disponível no mercado. Na minha época, comprá-la significava que, além de ser premiada por bom comportamento, as contas da família seguiam em equilíbrio. Enquanto me prolongo em assuntos aleatórios no prólogo, curto esse preguicinha que é acordar com calma como tenho ensinado ao meu filho. Uma vez que saímos da cama, outro sossego só quando deitarmos novamente. Então curtir dez minutinhos de assuntos aleatórios ainda deitados é tanto lícito quanto adequado.

Preparar o café da manhã para três, colocar roupa suja na máquina de lavar, preparar o almoço para três considerando as necessidades nutricionais e preferências sensoriais de cada um, lavar a louça suja, guardar os pratos lavados, estender as roupas lavadas no varal, preparar um bolinho para o lanche da tarde, uma sopinha para noite... quando me dou conta, já estamos reunidos na sala assistindo ao jornal nacional. Enquanto preparo meu chá de cidreira, me pergunto se deu tempo de passar uma vassoura na casa. Se não hoje, amanhã, prefiro não causar alarde.

Quando a criança tira uma sonequinha no meio da tarde é como ganhar o bilhete premiado. Esse momento tão fantástico que a gente não sabe se dorme, se fica inerte no sofá respirando lentamente, tentando expandir o tempo, se vai adiantar as tarefas da casa ou colocar as leituras do doutorado em dia.

Na maioria das vezes, a dúvida causa tamanha angústia que o tempo acaba enquanto estou ponderando se isso ou aquilo. Se eu conseguir folhear com muito cuidado alguma revista semanal do mês passado, é bingo!

— Mamãe, quero ticau.

É o código para o sono noturno. Um dia passou e o que eu fiz além de preparar comidas e cuidar da criança? Só por hoje, decido dormir ao invés de usar a madrugada para me manter produtiva. Que ironia! Faço o exercício mental de não me culpar. É noite, é hora de dormir.

Abro os olhos. Não reconheço o som, mas sinto que é um chamamento. Como um marinheiro hipnotizado pelo canto da sereia, me levanto e sigo. Estou em pé, andando numa rua onde as casas são de parede de vidro. São várias casas assim, uma rua inteira até onde meus olhos alcançam. Posso ver tudo que se passa dentro das casas. O som me chama. Numa casa avisto uma senhora vestida de robe floral em tons pastéis segurando uma xícara grande.

Ela está imóvel, olhando fixamente para um ponto no horizonte. Não consigo identificar o que ela mira tão demoradamente. Queria ficar e perguntar, mas o som não me deixa parar. Em outra casa, uma mulher vestida de branco está sentada na ponta da cama de cabeça baixa. Será que faz uma oração? Se sim, está acompanhando com um terço ou uma japamala nas mãos? Também não sei. Sigo. Nem os banheiros garantem privacidade com suas paredes de vidro embaçadas. Uma mulher está nua debaixo do chuveiro. Assim parada, deixando a água cair em seu corpo miúdo. Não se mexe, como se poupasse.

Vejo uma outra casa uma mulher ajoelhada, com expressão de força, talvez esfregando o chão. Uma moça jovem se olha no espelho tocando em seu próprio corpo com pavor. Uma outra caminha de um lado para o outro de modo nervoso. São sempre mulheres, sozinhas.

O som. De onde vem esse som? Percebo que das casas partem águas como afluentes e que o som parece vir para onde seguem as águas. A medida em que me aproximo do som, sinto uma energia intensa que me arrepia a pele, uma presença. De pé sob as águas, vestida com uma túnica amarelo ouro, uma mulher de dreads brancos canta os lamentos silenciados de todas nós.

Somos muitas nos aproximando e algumas estão se banhando nessa confluência de águas canalizadas. São só mulheres com semblante de paz. Eu estou tão perto e desejo me banhar também. Meus pés já estão dentro da água, mas não consigo avançar.

Sinto meus pés úmidos. Um sacolejo. Não, me deixe continuar aqui por favor – eu penso.

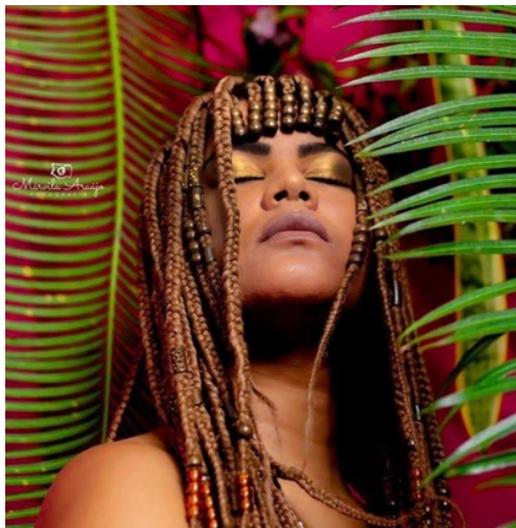
— Mamãe, quero ticau.

— O que aconteceu aqui?

— Fiz xixi.

Por Jaiara Dias

Jaiara e também Jaia. Talvez, Jaiara Dias Solares. 23 anos de enCantos e sonhos pelos mundos. Nascida e criada em Vila Velha-ES, mas sempre nutrindo a Bahia que mora em mim, memória ancestral da alma. Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo, venho experimentando as angústias e os prazeres da pesquisa biográfica. Sigo me entregando ao Ser-Estar cantora, poeta, escritora e aspirante a desenhista que me compõe, tomando posse dessa graça que é o poder das imagens e palavras. Seguirei palavreando e imaginando por aí.



Crédito da foto: Márvila Araújo

VOINHA

Para a estrela Marieta José da Silva

O dia se chovia inteiro, desaguando um pranto triste sobre o mundo. Todas nós sabíamos o motivo de tanta água, as mortes continuam aumentando e ainda não encontraram a cura do Covid-19. Outro dia, Mainha vendo jornal disse que a maioria dos que estão morrendo são os povos indígenas e nossos irmãos pretos, Painho está muito triste com tudo isso, e hoje faz 7 dias que seu Joaquim da horta partiu deste mundo. Infectado pelo vírus, seu corpo antigo não suportou essa visita tão estranha e nociva. Mainha anda muito preocupada porque Dona Neuzinha ainda está indo fazer faxina, sua patroa não a deixou ficar em casa, disse que ela é quase da família e precisa muito da ajuda dela nesse momento. Espero que esteja pagando a mais, pelo menos, o que duvido muito, não se pode esperar o justo desse povo. Voinha estava na janela, saboreando um café quentinho e cheiroso, colhido no nosso quintal. Ali, imersa na chuva que banhava sua horta e terra fértil, seu olhar era tão profundo, tão concentrado que me parecia que estava conversando com as águas que vinham do céu, e talvez estivesse mesmo, Voinha entendia os mistérios das águas e da lama. Pega no flagra observando, me olhou e sorriu.

— Que foi, minina? perguntou e virou-se para ver a chuva.

— Nada, Voinha... A senhora tava falando o quê pra chuva?

— Hahahaha ah minha, fia... é tanta coisa que eu falo com ela, conto causo, agradeço, peço...

— Ela é sua amiga, Voinha?

— É, fia, eu sempre sei quando ela vai chegar

— Como? Ela liga pra senhora?

— Hahahaha não, fia, a chuva num tem cilular igual ocêis, não! hahaha

— E como que tu sabe, Voinha?!

— O vento esfria, e meu joelho dói.

— Voinha, a senhora já brincou na chuva?

— Ah... já sim, fia, quando eu era menina, adorava correr na chuva, eu achava que correndo muito, ela não ia me molhar hahaha. E quando eu conseguia escapular de mainha e ia me banhar no rio? Ah... era bom demais! Rio e chuva, minha brincadeira prifrida hahaha... ôh tempo bom... Eu era muito moleca!

Os dias seguiram chuvosos e Voinha sempre na janela a conversar com as gotículas do céu. Na companhia das águas, passou a frequentar mais vezes a horta que cultivou com muito carinho, seus crespos alvinhos se prateavam inteiro com as gotículas d'água que insistiam em cair. Andava silenciosa pelos cantos da casa e quintal, ela não podia ultrapassar além disso, pois a principal recomendação da Organização Mundial da Saúde é o distanciamento social, então ficava sempre em casa. Sei que isso a deixava irritada, Voinha é muito andeja. Esse silêncio é que me inquietava, Voinha é tão faladeira, cheia de causos pra contar e, de repente, foi ficando serena, quieta... Não parava de chover e Voinha também dialogava em silêncio, seus olhos azeviche diziam tudo, eu podia sentir. Dias depois, a vi dançar no quintal, a chuva forte e os trovões estrondosos, que me deram frio na barriga, não a amedrontou. E foi ali, no nosso quintal, beirando a horta que avistei duas senhorinhas parecidas com Voinha e duas crianças com os crespos iguais ao meu dançando de mãos dadas com ela. Senti uma alegria tão grande! Faz tanto tempo que não recebemos visita que fui

correndo cantar e dançar também, nem parecia que há pouquíssimos minutos, estava com medo dos trovões. Senti tanta alegria no olhar de Voinha que sua piscadela foi um ato de cumplicidade entre nós, senti que a presença daquelas visitas, que ela disse que são da nossa família também, era segredo só nosso, pelo menos até agora. Voinha pegou na minha mão e dançamos ciranda com elas, com a lama tingindo nossas canelas e a água encharcando nossos crespos, me senti de alma e corpo lavado. É tão bom dançar na chuva!

— Agora, vamo pro banho, Rosinha, pruuê num pode gripar, viu?!

— Ah poxa, tava tão legal! Elas já foram? Foi tomar banho também, né, Voinha?

— É, fia, foi sim. Vamo botar uma roupa de frio e tomar um chá bem quentinho!

A hora do chá com Voinha é mágico, é nesse momento que ela me conta causos de sua vida. Gosto mais dos causos de infância e ela se lembra de muita coisa! Mas nesse dia foi diferente, ela me fitava em silêncio, seus olhos eram tão profundos que juro que vi o Oceano Atlântico ali. E me vi dentro, imersa.

Voinha descansou, nadou e nadou até chegar no meio do mar, aquele corpo farto, dançante e risonho não se levantou mais de sua cama no dia seguinte. Voinha é das águas. O dia se chovia inteiro. Desaguando um pranto triste sobre o mundo. Todas nós sabíamos o motivo de tanta água, vovó tinha se despedido dessa vida, pra viver em outra que não sabemos muito bem como é, mas aprendi com ela que partidas eternas não existem, um pouco da presença fica em nossa memória, que também é corpo. E hoje eu danço na chuva esperando Voinha chegar.

Por Josélia Alves Oliari

Psicóloga/Psicanalista que se aventura no mundo da escrita para
border suas angústias.



VIVOS—MORTOS

A vida tem que seguir é o que dizem. Mas que vida? Vida de quem? É preciso seguir a vida e respirar um pouco. Mas falta ar. É preciso levar a vida com mais leveza. Mas o fardo é mais de 80 mil mortes. A cada fresta a vida se esvai, seja dos corpos que estão sendo enterrados, seja dos vivos-mortos. A solidão tem sido a companheira de muitos. O silêncio que buscavam como um momento de tranquilidade passou a ser atormentador. Odeia-se o barulho que o silêncio faz. É ensurdecedor! Desse lado há uma vida sem tantos adjetivos. Do outro lado há àqueles que acordam, tomam seu café e não sentem um pingão de amargor, seja do café ou da vida que levam. Não é que não haja sofrimento, talvez estejam alienados a ilusão de que a vida tem que seguir, mesmo que seja às custas da ignorância. Alguns otimistas dizem que a vida voltará ao normal. Normal? Não sei dizer o que isso representa, mas a vida no mundo está diferente, até porque muitas já se foram.

Mas falar de vida é também ter esperança mesmo diante de uma grande tragédia. Cada um precisa de um tempo para lidar com os acontecimentos para que, assim, possa se ter também um pouco de alegria. Mas, o que hoje se tenta fazer é escamotear o luto que a vida exige. Na era coaching isso jamais é permitido, afinal se a vida não é bela é porque você não fez por onde. Meritocracia? Quem sabe! Talvez esse momento apenas tenha despertado o que já acontece diariamente. O discurso sobre é preciso pensar no próximo, ter senso de coletividade, cai por terra quando o narcisismo fala mais alto. Terra! Muitos foram sufocados por ela. Mas em meio ao caos é preciso apostar na vida e no amor, talvez seja ele que nos faça construir laços. É preciso se agarrar a algo para poder continuar sonhando que dias melhores virão, se agarrar a algo que possa produzir um sopro de vida e isso cada um faz do seu jeito, alguns escrevem e outros preferem seguir com a ignorância. Porém, uma coisa é certa: após a tormenta a vida nunca mais será a mesma.

Por Lorena Araújo

Nasceu em 1991, em Vitória-ES. É graduada em Letras-Português pela UFES e cursou o Mestrado em Letras/ Estudos Literários na mesma universidade. Tem poemas publicados em algumas antologias.



NA MEDIDA DO POSSÍVEL

Terça-feira à noite, segunda semana de isolamento: vizinho da frente faz um show particular para os outros moradores do seu apartamento, cantando e tocando clássicos da MPB. Minha mãe pediu silêncio... para mim. Ela queria ouvir aquela novidade musical. Em um sábado de manhã, acordei ao som do violão de um repertório muito diversificado de outra vizinha. Não reclamei. Tive vontade de cantar junto. Pequenas mudanças nas nossas rotinas tão restritas são um afago nesses tempos frágeis de quarentena.

Muitos profissionais tiveram que mudar seus hábitos para se encaixarem nesse quadro. Professores, com suas videoaulas, viraram editores, blogueiros, youtubers. Muitos pais reclamam que não aguentam mais os filhos em casa. A quarentena causa consequências grandes. E ela tem trazido o que há de mais egoísta em muita gente: a falta de solidariedade, de compreensão e de empatia. É exigido um êxito de produção no momento em que mais estamos suscetíveis a pirar. E, olha só, tem gente lutando para SOBREVIVER. Na medida do possível, com as adaptações que podemos fazer e com os recursos que nos são possíveis, vamos criando força para resistir a tudo isso.

É difícil continuarmos as atividades profissionais com o mesmo vigor de antes, tendo conhecimento da tristeza que perpassa tanta gente. Mas tenho tentado, mesmo diante da incerteza quanto aos próximos meses, manter vivos alguns projetos e planos ainda que se configurem em sonhos acordados. Eles são um alento para que não deixemos de acreditar em dias melhores.

Tem a galera dos 36263478236478 cursos on-line. Se são gratuitos, então, melhor ainda. A busca por maior capacitação profissional e as tentativas de manter a mente ativa têm sido constantes. Não tive a concentração suficiente para fazer parte desse time. Por outro lado, virei a pessoa que participa dos inúmeros clubes de leitura, agora em formatos virtuais, e até criei um nessa quarentena, em companhia de uma amiga. Eles têm me ajudado a amenizar os impactos que a pandemia trouxe. Criar metas de leitura ocupou parte do espaço deixado pelo medo a cada notícia lida, aumento do número de casos e de mortes. A literatura me salva, traz acolhimento e algum resquício de sanidade, quando eu acho que já me falta.

Entre outros meios de distrações e formas atenuantes da situação em que nos encontramos, estão os produtos audiovisuais das chamadas plataformas de streaming. Lançamentos de novas temporadas ou a revisitação da série favorita são algumas das procuras por nós espectadores que queremos reduzir, ainda que em curtos momentos, algumas dores. No início do isolamento, optei em dar continuidade à famosa série de várias temporadas ambientada em um hospital. Por um tempo, deu certo, depois, além do medo de adquirir o coronavírus, comecei a imaginar diversas doenças existentes em mim. Não consegui avançar com essa opção.

Mas nada é tão acalentador e poderoso do que receber palavras de apoio daqueles que amamos. Podemos descobrir/encontrar/criar diversas formas de adaptação para uma situação tão cruel; porém, alguns dos mais potentes suportes são o carinho (seja ele só com palavras), afeto e cuidados que amenizam os temores e angústia. Mensagens por aplicativos, telefonemas e videochamadas podem trazer um alívio e conforto para lidar com dias extremamente difíceis, enquanto o contato físico não ocorre. A preocupação com o outro é solidariedade e, se podemos, fiquemos em casa como a maior demonstração de amor que pode existir neste momento.

Por Marília Carreiro

Marília Carreiro nasceu em Pancas (ES), em 1989. Publicou AmorS e outros contos, Opala Negra, Lama e Pretendo fechar os olhos assim que puder. É formada em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo e fundadora da Editora Pedregulho. Posta diariamente textos em seu instagram @mariliacafe.



QUINZE DIAS É COISA RÁPIDA

Daqui um tempo a gente se vê, dá pra esperar. É por um bem maior, é para que a gente não fique doente, é para ficar sem medo e ser feliz depois. Felicidade é uma coisa tão abstrata mas a gente sempre pode adiá-la um pouco. Será que pode mesmo? Uma sensação de quando está indo tudo bem alguma coisa acontece pra, sei lá.

É o astronauta da saudade. E a linha de mortos aumentando. E esse governo displicente. E uma dorzinha por não poder visitar meus pais. E se meus pais pegam isso, o que eu faço? Eu vou lá ou não? E se eu for e levar o vírus comigo? Preciso pensar nisso enquanto corro no mercado pra comprar coisas essenciais e não faço lista porque esqueço de fazer a lista e chego lá para comprar o que não me lembro, e é tanta gente, tanta coisa, tanto álcool, tanto amar, que não faço ideia mais de nada. Pego três ou quatro itens e vou embora.

O vazio da casa cheia de objetos me faz pensar que talvez fique tudo bem. Sei lá, ainda há uma esperança de sair por aí sem máscara. Os quinze dias já se passaram, agora vão mais trinta. Quem sabe depois disso tudo fique bem. Será que tudo fica bem? Dos trinta vêm mais trinta e mais quarenta e mais cinquenta e sabe-se-lá quando isso volta ao normal. As pessoas estão falando em novo normal. Parece que estão se acostumando. Já se acostumaram. Fazem festas, encontram amigos. E a linha de mortos aumentando.

Enfio a cara nos livros pra me esconder dessa tragédia e vou me desligando, por etapas, do mundo. Paro de ler jornais, bloqueio hashtags. Decisões urgentes que funcionam como tapar o sol com peneira. Um pânico de lives, ligações, reuniões, áudios no aplicativo

verde e qualquer comunicação que obrigue urgência surge discreto e toma uma proporção gigantesca. Remédio pra dormir. Remédio ao acordar. Coisa pouca, só pra ajudar nesse tempo só. A percepção de amigas que se preocupam, mesmo na distância, e querem saber se tudo está bem. Um desejo de que passe logo.

E alguma coisa vai passando. Não a negligência do presidente genocida, não o desespero, não a lista de mortos. Alguma coisa vai passando. Na gente fica um vazio que nunca será preenchido. Um vazio das pessoas que não conhecíamos, mas que ficaram dentro. Uma memória de muitas vidas interrompidas, uma quantidade que a gente não sabe, que daria mais do que quatro vezes a população da cidade onde nasci. Que lotaria um estádio de futebol num domingo à tarde.

Por Mariana Souza

Capixaba, cristã, ilustradora, graduada em Artes Visuais, pela UFES e apaixonada por literatura e teatro musical. Gosto muito de escrever e desenhar, pois através dessas duas formas de expressão, busco refletir sobre a minha vida, compreender meus sentimentos, compartilhar ideias e pensamentos. Também devo mencionar que, na maior parte do tempo, sou romântica, esperançosa e sonhadora.



AUTORRETRATO

São dias, semanas, meses nos quais a vida acontece diferente. Com tanta coisa em suspenso, surge oportunidade e espaço para as batalhas internas pulsarem, exigindo atenção. Passar tanto tempo comigo mesma é doloroso por vezes, mas necessário.

O banho tornou-se um momento de autoconhecimento e reflexão profunda. A luz reduzida, a água quente, a liberdade da nudez e uma solidude essencial por alguns minutos. Tudo isso me leva para outra dimensão, onde a calma e a quietude me permitem pensar que tudo ficará bem. Outro carinho relaxante é a hidratação no cabelo, que traz leveza. O aroma do creme é tão maravilhoso que dispersa a dor responsável por arranhar meu interior frustrado.

Descobrir novas canções demonstra uma oportunidade de enveredar por outros caminhos. Crescer. Mudar. Sentir algo bom, pois a música, passando ali pelo meu fone de ouvido, delicadamente vai diminuindo a tristeza e acrescentando alívio como gotas de orvalho sobre a relva.

E finalmente devo mencionar as noites em claro. Elas ocasionam os instantes onde abro meu coração e consigo criar prazerosas aventuras para ficar bem: desenhar, escrever, estudar, assistir filmes e sonhar acordada.

Nessa dança entre sensações, medos, esperanças desfeitas e alegrias eu permito que o meu mundo gire em ritmo descompassado com a realidade, mas precisamente acertado para a minha vida e para quem eu desejo me tornar.

Estou aprendendo e quero me permitir ser uma mulher que é gentil consigo mesma. Quero me abraçar e tratar minha pessoa com bondade e doçura. Olhar para o meu viver com ternura. Nesta crônica, escrevo palavras para a Mariana: seja livre e leve como uma borboleta. Cuide-se e ame a si mesma como você ama seu livro favorito. Aproveite a sensação de quem sabe que é fantástica.

Por Munah Malek

Munah Malek é mulher, capixaba, socióloga, mestre em História, pesquisadora e feminista decolonial. Foi livreira da Livraria Don Quixote. Hoje é podcaster no “Literatura de Chinelos” e ministra cursos livres e palestras sobre política, feminismo, gênero, raça e literatura. Militante do Fórum de Mulheres do Espírito Santo/AMB e da Coletiva Revolução Materna.



UM LUGAR INTERIOR

*A minha casa é guardiã do meu corpo e
guardadora de todas as minhas ardências.
(Hilda Hilst)*

Exausto o corpo não avalia o tempo. O despertador interrompe a tarde como um capataz que adianta o fim. É sempre uma sexta feira. Em alguma parte, uma notícia menciona o destino de órgãos amputados. Revivo a nota em um canto de página do antigo diário. Quase nunca merecedora de cerimônia fúnebre ou caixão, à peça mutilada é concedido o direito ao enterro. De que importa um pedaço despregado? Comida pouca aos vermes. Toda coisa apodrece a sete palmos.

Há corpos dos quais nada se pode aproveitar, indivisas carcaças destinadas à putrefação. “Nem as córneas”, responde o médico. Um corpo impossibilitado de esquecer a febre. Desejo um corpo poema-palavra que atribua sentido à matéria inapta a suportar o pesadelo.

Fetos prematuros mortos recebem o tratamento de um lixo hospitalar. Sim, eu também não sabia. A mulher, mãe indígena, acolhe em seus braços seu minúsculo bebê abortado engarrafado em um frasco de soro mal vedado com formol. Gabriel, Lucas, Ana ou Letícia? Epitáfio: O bebê de quinze semanas deixa três irmãos, uma mãe, um pai, um nome e uma aldeia inteira. O que pensaria Donna Haraway e seus híbridos cyberbogs? Os defensores da vida enrolados em bandeiras nacionais, estranha mistura de máquina, animal bovino e homem, esqueceram de julgar esse caso.

O chão da cozinha não para limpo. Perco o bolo justo na hora da partilha. Seria melhor que tivesse solado. O menino, o não abortado, chama, chama, chama, chama e chama. Estou sempre a ponto de cair. O cotidiano pesa tanto.

Fujo das notícias e tento me distrair com falas infinitas de temas variados. Mais uma mãe morreu e isso me toca. O filho de Dona Laura, homem feito, acostumado à sua presença, saberá acalmar o menino? Ficamos todos de fraldas diante do túmulo materno.

Fujo das notícias, elas encontram uma maneira de me achar e não param de chegar. Quão alto são trinta e cinco metros? Ninguém viu a mãe de Miguel chorar? Me desespero com o barulho da panela. Interrompo o pensamento. Escuto ao longe o som do menino despertar, é a sirene do pátio da escola, é a infância anunciando o término do recreio. Uma mãe vive de intervalos. Mais um gole de café frio.

De qual vida estamos falando? Como chegamos até aqui?

Preciso de uma doença, uma obsessão, amor platônico de uma mulher. Uma possibilidade de escapar ao real. Reviso bibliografias no afã de viver outra vida, escapar da matéria. Simone Weil, a insuportável colega de Beauvoir? Se Adalgisa Nery não fosse tão nacionalista e amiga do Vargas! Duas escorpionas se dariam bem? A julgar por Berenice, sim. Leituras arrastadas, possibilidades empilhadas na mesa. Desejos levam tempo para irromper. Antes é preciso confiar. As notícias não cessam.

Apodreço a cada sexta-feira. “O tempo de amanhã será riqueza”, bobagem, Hilda Hilst, bobagem. O amanhã é um menino covarde roubando no pique.

Em casa, atada aos amores e demônios, mantenho um único desejo.

Trabalhar no correio da praça daquela cidade do interior.

Por Renata Beatriz Rodrigues da Costa

Renata Costa é licenciada em História e Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo. Trabalha com povos tradicionais, mulheres, jongueiros e caxambuzeiros. Escreve e filma suas próprias resenhas sobre cinema e integra a Coletiva de Mães Feministas Revolução Materna.

A escrita é para Renata lugar para expulsar demônios, tratar de indignidades e abrir rotas como rios para ir a diferentes lugares. A culpa disso é toda de Dona Marilene, que lhe apresentou muito jovem o poder da palavra.



EU, DILÚVIO

Se fala sobre engordar na quarentena, mas penso em meu corpo, vivo, ganhando forma, tudo se esparramando delicadamente, dobra após dobra e cheia de mim. Sem soberba, me admiro do alto desses quilos. Eu ocupo espaço, um corpo que não se dobra e nem cabe em qualquer lugar, não sei onde quero caber e me sinto tão cretina de pensar desse jeito e é tão bom ser cretina, e dizer coisas com palavras que eu jamais falaria em voz alta, pois fariam pouco ou quase nenhum sentido. Onde estávamos? Sim, o corpo, transbordando rijo, negro, ton-sur-ton de cor nenhuma.

O que se faz com a mulher que não cabe? Essa é uma daquelas perguntas ridículas, pois todos sabemos o que fazem com as mulheres que não cabem. Rua, puta, coisa, desempregada, currada, morta, cabe a morte cabe. Cai como uma luva, o cadáver desejado não ocupa tanto espaço, cova rasa, indigente, saco plástico na cabeça, caixa, cemitério municipal, sem enterro, sem tempo e arrastaram Cláudia e mataram tantas.

Ainda assim eu fui crescendo nessa quarentena e me achando sublime, divina, enorme e grande. E dias bons, dias ruins, e medo de tudo, de todos, do ontem, mas meu corpo rijo, forte, grande se impondo por sobre o tempo e os outros, café o dia inteiro e dor de cabeça por tomar o café o dia todo. Círculo que compõe a eternidade, que caminha com as bruxas, essa forma tão temida do infinito é o que me anima como uma grande e poderosa mulher. Alguém me salva? Não, isso não é um pedido de ajuda, pois ninguém (nem mesmo você), ninguém salva mulheres negras que não se pareçam com a Kerry Washington, roliças, plenas, donas de um corpo que transborda e inclui, aconchega onde

cabe colo, e braços e bebês confortavelmente entre nossas coxas fartas e cheias de beleza e do nosso sexo.

Salvamos a nós mesmas e erguemos trincheiras tão altas para que ninguém nos veja bem dentro de nós, ainda crianças, de pituquinhas, cabelo preso para trás, raiz crespa e pontas lisas sorrindo de arquinho na cabeça. Para nossas Mamães somos lindas pretas, lindas e pretas, crianças, e o mundo nos devora; por isso, como disse, construímos muros e cercas e barreiras para dentro deles ainda podermos ser só pretinhas de pituquinhas e trancinhas que olham com amor e ignorância para o mundo, e ainda assim pretinhas e pequeninas rodopiando e rodopiando por trás da cerca. E os dias passam, muitas mortes, muitos mortos, de todos os tipos, tipo você, tipo eu; como estereótipos de gráficas vamos tombando, e assistindo, e gargalhando de um jeito horrível, como hienas que só continuam rindo, e vamos juntos e distantes nessa toada, repente sem ritmo.

Mas aqui no meu corpo eu me aconchego, meu bebê se deita e se põe tão belo entre meu peito e meu coração, e os olhos dele são sem dizer nada. Ele sabe que eu ocupo espaço o bastante para protegê-lo e preencher os dias de tanta coisa, amor, raiva, cansaço e ao me ver ele sabe que pode sentir tudo, pois as coisas passam e ele ainda cabe no meu colo, tão aberto e suave para ninar e passar os dedos pelo seu encrespado cabelo. Eu nunca caibo nas horas, não sou exata para viver dentro de um dia, sempre sobra ou falta dia, e acho que no dia em que couber não sei, provavelmente a vida vai ser essa falta de propósito de que vejo as pessoas comentando por aí, mas não sei bem o que é.

Fazem mulheres quererem ser pequeninas para que a preocupação para caber ocupe toda a sua mente e toda a sua vida se reduza a uma ideia vã de que se você couber, encontrará uma imagem melhor e firme de si mesma, e nessa busca por caber, o que é lindo e transborda também fica pequenino, o grande não é bem-vindo.

E como esse vaso de cerâmica você se molda e aumenta e diminui em um balé delicado e forte. E é dançando que você encontra um lugar

bem profundo onde nada te impede de ser, e descansar desse papel tão longo que encena todos os dias, é quando todo o seu corpo com dobras se curva para suspender o tempo e ouvir sua respiração com pausa, e ouvir os pensamentos que você tem e nunca dirá, pois assim permanecerão seus, íntimos e intocados.

Repito: o grande não é bem-vindo.

Eu me sento à mesa antes de saber se caibo, e sendo assim preciso me sentar, e esparramar meu corpo, sorrindo, gargalhando para produzir efeitos e circular como as bruxas para encher o mundo com minha presença, se esparramando igual caldinha de chocolate.

Por Sthefany Duhz

Nasceu em Vila Velha, em 1991. É Arquivista de formação e finalista em Comunicação Social – Jornalismo, ambos os cursos realizados na Universidade Federal do Espírito Santo. Se define como comunicadora de sensibilidades, Sthefany escreve crônicas e poesias quinzenalmente em seu blog e cria seus conteúdos a partir de sua essência criativa e sensível.



BORDAS DE UMA QUARENTENA

E lá se foram quase meio ano em isolamento social. Os dois primeiros meses foram regados de muitas dúvidas e uma busca gritante no silêncio por respostas. Foram dias meditando pelo menos 30 minutos. As vozes da ansiedade, culpa, autojulgamento e cobrança por muitas vezes disputaram espaço. E nessa disputa o aprendizado veio aos trancos e barrancos.

O silêncio se destacou no primeiro momento como um mestre, aquele que traz uma grande voz. A voz da intuição. Ela às vezes vem no momento de banhar-se, refrescar o corpo. Fazer aquele almoço gostoso. Ler aquelas páginas que estão há um bom tempo guardadas. Escrever sem compromisso, apenas deixar vir. Ouvir aquela música que inspira, passar um café.

Eu poderia dizer que no terceiro mês veio o autocuidado, mas na verdade tudo aconteceu naturalmente sem uma predefinição de onde começa e termina. Enquanto eu ouvia o silêncio intuitivo, eu também ouvia as minhas necessidades corporais. O sentir fome. Aquela dor na lombar que voltou. As aftas de uma gastrite que toda semana quer aparecer.

O que essas dores me falam? Não são apontamentos para as respostas que busco? Quando eu disponho atenção nessas demandas corporais, uma experiência muito interessante acontece. Houve um dia em que eu desejei sentir o gosto de uma fruta específica que há tempos eu não comia, mas meu corpo me revelou esse desejo. Outra vez senti que deveria alongar especificamente o quadril.

Senti que quando eu entrego atenção e amor com consciência, a coisa flui de uma maneira natural. O nosso cachorrinho shih-tzu está amando essa quarentena. Kiko nunca recebeu tanto amor e cuidado como tem agora. A mesa da cozinha já não é mais solitária. Há pessoas, comidas, conversas, risadas. Há até discussões e choros. Há presença.

O tento familiar veio muito presente pela cozinha. Inventar o que comer com poucos ingredientes, entretanto com a casa reunida. Aquele silêncio doméstico que muitas vezes foi doloroso deu espaço a outros desenhos silenciosos como: um sentar no sofá reunidos, deitar na cama apenas por ter companhia, varrer o quintal juntos. Mas também deu espaço para muitos diálogos construtivos, desabafos afetuosos e conversas calorosas.

Os dias já não passam como antes. Apesar do medo e da incerteza desse mundo em pandemia, as pessoas dessa casa já não estão tão distantes e a produtividade da vida abre espaço para uma produtividade orgânica que desenha e cria bordas no lar. A produtividade orgânica que estamos construindo respeita as demandas pessoais, a atenção à família, as necessidades do trabalho, da vida profissional, do ganha pão.

Os boletos chegam, a fome bate, os recordes de casos e mortes acontecem todos os dias. E nesse microespaço, essa pequena família segue desenhando a vida em meio aos territórios possíveis de uma pandemia.

Por Thiara Cruz

Licenciada em Letras e mestra em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo. Revisora de textos no Senac-ES e no @arevisorathiara. Também é colaboradora no perfil @mulheresdeescrita e publica textos semanais no perfil pessoal @_thiaracruz e no blog: <https://entreovazio.wordpress.com/> Desde muito tempo pelo mundo das Letras: professora, pesquisadora, revisora e, de repente, fiz uns textos.



QUARENTENA CRÔNICA

Diários foram abertos nos últimos meses. Algumas crônicas levadas a sério, outros poemas frios, tristes romances desiludidos e coisa malfeita e fragmentada, escapuliram por conta do ócio, da dor e do excesso de notícias. Todo dia mais muitas. Tão muitas que chega! O exagero faz mais denso e cheio e chato o habitual. Prefiro a contensão dos dias. Mas as coisas vão no atropelo mesmo. Quando se vê, já se passaram anos desde o último encontro, aquele que não sai da memória, a metade dos amigos entraram no doutorado e a outra tem filhos, agora te oferecem mais produtos anti-idade do que antes. O tempo é crônico, agudo, impositivo e tem gosto de boldo.

Tudo vai fluindo meio no impulso da exaustão e do tédio da espera no quarto andar dilatado. Uma espera confusa por algo sem data, sem o mínimo planejamento, daqueles com início, mas sem fim para a coisa planejada. Nada. Uma total irresponsabilidade do tempo com quem esperava mais dele, sobretudo com aqueles que fizeram seus votos na virada e se organizaram em janeiro. Poxa, acreditaram e mantiveram pensamento positivo. Sem alternativa, a gente espera, espera e espera; e, aos poucos, se abranda. Existe outra possibilidade? E se eu me revoltar? Talvez sair de casa e me manifestar, descer o quarto andar e voltar para a vida. Seria louvável ou eu receberia críticas. Cinco minutos depois do pensando, achei melhor esperar. Me abrandei sem nem perceber direito.

No ócio da espera, na resignação da revolta, na desmobilização executada com total êxito pelo vírus, partidos perderam as ruas, acadêmicos protelavam a escrita e diários foram encontrados. Diários feitos de livro ata, encapados com papel de presente colorido

e enfeitado com adornos de armarinho, guardam escritos de uma menina que também esperava. Contava os dias para terminar o ensino médio, se declarar para o que julgava ser o amor da sua vida, finalizar o resumo e ter férias. A leitura de um diário antigo só nos dá a certeza de que somos outras. A escrita nos revela sempre a dor ou a alegria de se ver de fora. E lá estão as outras de mim que escreveram algumas crônicas, outros poemas, sonharam alegres romances e um pouco de coisa malfeita e fragmentada ao longo do tempo. A aflição de ser quem se deseja fez a própria aflição.

E se eu me revoltar com tudo de antes e com o crônico de agora? Talvez resolvesse algo. Por hoje, poderia só registrar no diário o meu incômodo com o vizinho que me obriga a escutar música, com o colega de trabalho que nem sabe o meu nome ou com a angústia que sinto nos últimos dias. Mas é indispensável registrar que hoje é 20 de julho de 2020 de oitenta mil mortos no Brasil. 80 mil faltas num mesmo tempo. Um dado que já nasceu obsoleto para amanhã. 80 mil. Todos podiam ser o amor de alguém, mas na verdade podiam ser o ódio também. Não faz diferença pra quando se espera por vida, sobrevivência e pelo sonho de menina. No amor ou no ódio, a gente vive e não pode morrer por negligência estatal. Mas sei lá, né? Já morremos tantos que seguimos morrendo dia após dia. E estou com medo de ter me abrandado mais.

O tempo vai agindo cada vez mais determinado em informar infelizes atualizações, que poderiam ser registradas nos diários para nunca perder ou confundir as lembranças. A memória é insistente só quando lhe interessa. Vou me lembrar disso como?

Copyright © 2020, Thiara Cruz

ISBN 978-65-86932-09-6

Produção editorial e preparação
MARÍLIA CARREIRO

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica
LETÍCIA BUENO

Revisão
AS AUTORAS

Todos os direitos reservados e protegidos pela
Lei nº 9610/98. É proibida a reprodução total
ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

www.editorapedregulho.com.br
facebook.com/editorapedregulho
instagram.com/editorapedregulho
twitter.com/_pedregulho_

